

## **Domingo da Ressurreição – Páscoa**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 14: 10-14, 21-25 e 15:20-21.**

Para compreender melhor estes textos do final do bloco da libertação do Egito no Livro do Êxodo (1-15) seria bom ler também o comentário das leituras do Antigo Testamento da Quinta-feira Santa. Estes textos pertencem a dois momentos diferentes da narrativa litúrgica que começa em Êxodo 7 com as pragas. Em Ex 14 a descrição dramática da fuga funciona como as cenas finais de um filme onde os mocinhos e mocinhas são perseguidos por vilões.

Quando o texto diz “temeram muito” e “clamaram ao SENHOR” (14:10) quer passar a idéia do perigo iminente que correm as pessoas perseguidas neste caso acrescentado à covardia da massa popular que prefere voltar à escravidão (14:11 e 16:3). O estilo literário é muito comum nas narrativas das sagas heróicas onde a função do perigo e da fragilidade que antecede à vitória é exaltar a figura do herói (neste caso Moisés). No entanto, esta narrativa condiciona o heroísmo de Moisés a sua parceria com O SENHOR. A confiança não está em Moisés, mas na garantia dada por ele de que: “O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis” (14:14). Não se sabe de certo a antigüidade da teologia do “Deus que peleja” mas certamente ela está na etimologia do substantivo “Israel” (“*ishra*”= “peleja” ou “pelejará” e “*El*” que é o nome próprio do Deus máximo do panteão ugarítico-cananeu e usado no Antigo Testamento como a forma mais comum de se referir genericamente a “Deus”). O nome Israel foi registrado por primeira vez em 1550 antes de Cristo, isto é, 300 anos antes do Êxodo. Por outro lado, a fórmula em si aparece apenas após a reforma deuteronomística do Rei Josias (Is 19:2 e Dt 1:30) ou ainda no pós-exílio ( Ne 4:20; Zc 14:13). Isso demonstra que a teologia, seja qual for, não cai pronta do céu nem se obtém imediatamente após os fatos por algum tipo sobrenatural de iluminação, mas é fruto de uma longa reflexão através de diversos momentos da história e da experiência espiritual de um povo.

A segunda parte do texto indicado para este domingo, é a conhecida passagem pelo mar “vermelho” que na verdade é o mar de “*suf*” ou “mar dos juncos”. Sem dúvida esta narrativa também foi exagerada pelos narradores posteriores que viram nesta passagem (páscoa) a máxima revelação de Deus como Libertador (Êxodo 12:27; 15:21; 20:1 entre outros). Já o Cântico de Vitória de Miriam e as mulheres é o texto mais antigo sobre os eventos do Êxodo onde o mar não recebe nome nem se diz quantos “cavalos e cavaleiros” se afogaram. Este canto mostra que as mulheres sempre tiveram um papel essencial na revelação que algumas vezes acabou sendo monopolizada institucionalmente por homens.

Se compararmos estes eventos com a Ressurreição de Cristo encontraremos muitas semelhanças, como a simplicidade dos fatos originários, a demora entre os fatos e a elaboração teológica (o primeiro evangelho foi escrito 40 anos após a ressurreição) e o papel das mulheres, já que Jesus se mostra primeiramente ressuscitado a Maria Madalena (João 20:16). (HMG)

### **2ª leitura (Epístola) – Colossenses 3.1-4**

Qual é a finalidade da proclamação na Páscoa? É para dizer que um cadáver foi ressuscitado? O objetivo é duplo: (1) anunciar o poder e a fidelidade de Deus, a sua vitória sobre a morte, (2) a conseqüência ética na vida de quem aceita, reconhece a fidelidade divina e tem gratidão por ela.

O texto designado se apresenta na forma de exortação ou encorajamento para a vida cristã, baseado na afirmação na fidelidade divina. Supõe-se a conexão entre os que crêem e a ressurreição de Cristo. Por isso, o autor está dizendo: mostre-se na vida essa relação. Com efeito, essa relação requer que a nossa vida repouse na plenitude da realização divina. Aqui se deve observar certa diferença entre Romanos 6 e Colossenses. Lá, o apóstolo Paulo fala na esperança da participação dos que crêem na ressurreição de Cristo. Aqui o autor fala na participação cristã como uma realidade presente. Por outro lado, no vs.4, a nossa presente identificação com o Ressuscitado é, antes, uma antecipação da plenitude. É bom observarmos que, neste ponto particular, o que se fala sobre a escatologia está em linguagem espacial e temporal. No vs. 4, a linguagem escatológica está na forma temporal ("quando")... Nos versos anteriores, o "quando" está na forma de "onde".

Tudo isso implica em: "assumam a nova criação, a nova posição no relacionamento com Deus e com mundo, e andem como novas criaturas". A ética cristã é decorrente da visão escatológica.

..."Não nas coisas da terra". Há tendência de considerar como coisas terrenas questões sociais, culturais, políticas, e a busca pela justiça, pela vida digna. Será isso o sentido das coisas terrenas versus coisas celestiais? As coisas celestiais têm a ver com a vida uns com os outros sob a nova condição: da nova humanidade, que vem da fidelidade de Deus, (ver o vs.10 que vem de fora e transforma as pessoas.) Ao contrário, as coisas terrenas não são as coisas que estão aqui, mas a vida em sua totalidade voltada para si e fechada para Deus e os outros. A confusão das coisas celestiais com a religiosidade apenas da interioridade e responsabilidade apenas pessoal pode fazer com que as pessoas sejam insensíveis à corrupção do poder e à injustiça social.

A carta nos fala na vida deste mundo sob a perspectiva do "segredo da nova criação" a ser plenamente revelado. Em meio ao "mundo velho e humanidade velha" manifesta-se a nova criação. A Páscoa é o tempo em que somos renovados para manifestar esse segredo da nova criação, ser elevado à presença de Deus. Conforme São Basílio, Pentecostes é um lembrete da ressurreição aguardada na era que há de vir. Pois esse um e primeiro dia completa sete semanas de Santo Pentecostes. Começando no primeiro dia, Pentecostes termina com o mesmo dia, fazendo cinquenta rotações através de dias intermediárias semelhantes. Na semelhança de eternidade, movendo-se em círculo... (*Sobre o Espírito Santo*). São Basílio fala até na importância de não se ajoelhar na oração. Dizemos, na forma de diálogo, no início da Oração Eucarística: "Elevai os corações e ao Senhor os elevamos". (ST)

### **Santo Evangelho - Mateus 28. 1-10**

Hoje em dia os anjos estão muito valorizados. Escreve-se muito sobre eles; vende-se imagens de anjos; discute-se o significado de seus nomes, etc. em resumo, os anjos estão na moda.

Quando nos voltamos para o significado da palavra "anjo", contudo, nos apercebemos que mais importantes do que eles é a sua mensagem. Afinal eles são os "mensageiros" de Deus para a igreja.

No texto deste domingo estamos diante da mensagem de um anjo para Maria e Maria Madalena. E olhando este texto verificamos que a mensagem do anjo tem, pelo menos, quatro partes.

Em primeiro lugar, a mensagem do anjo possuía uma palavra de ânimo. (v.5) "Não temais". Devemos perceber que os discípulos tinham toda a razão para temer. Seu Senhor havia morrido. Eles estavam escondidos em algum lugar de Jerusalém. Outros já haviam fugido. No início do domingo os guardas romanos, todos treinados, estavam de guarda na sepultura. Acontece um terremoto e surgem anjos com aspecto reluzente. Há uma mensagem a ser dada! Os guardas treinados desmaiam e caem. A palavra do anjo foi oportuna: Não tenham medo. No grego é "fobos". Perceba que não houve espaço para qualquer tipo de repreensão, somente para o animar e fortalecer os discípulos. A Páscoa é o momento ideal para se renovar o ânimo, porque celebramos a vitória da vida sobre a morte.

Em segundo lugar, a mensagem do anjo continha uma afirmação clara. (v.6) "Ele não está aqui". Depois de fazer esta afirmação, o mensageiro diz o porquê: "ele ressuscitou", apresenta a prova: "vinde e vede", e atesta o caráter messiânico de Jesus: "como havia dito". A mensagem da Igreja é fundada neste evento pascal. Käsemann percebe a importância deste evento e destaca com muita importância as palavras de Paulo: "se ele não ressuscitou, nossa fé e nossa pregação são vãs". Para a fé da igreja a ressurreição de Cristo ocorreu em verdade. Nas palavras de Rowan Williams em seu sermão na páscoa de 2001: "*Deus trouxe Jesus de volta à vida no seu corpo*".

Em terceiro lugar, a mensagem do anjo possuía uma ordem expressa. (v. 7) "ide e dizei que ressuscitou". Este recado que o anjo envia não deveria ser anunciado quando a igreja bem desejasse, mas com a maior urgência. O texto diz: "depressa". Não temos o direito de sonegar esta mensagem de vida. Jesus ressuscitou. A vida venceu a morte. Nosso cordeiro venceu! Aleluia. O que é surpreendente é que estas mulheres são enviadas para os discípulos. São eles que precisam crer em primeiro lugar. Se eles não crêem o mundo também não crerá. Os discípulos precisavam crer que Jesus tinha mais poder do que o império romano, vez que ele venceu os guardas; tinha mais poder que a pedra, vez que ela foi removida e tinha mais poder que a morte, vez que ela foi vencida.

Em quarto lugar, a mensagem do anjo continha um encontro marcado. (v.7) "...dirijam-se para a Galiléia...lá o vereis". Galiléia é sempre associada com o lugar "da sombra e da morte". O lugar dos gentios, dos irreligiosos, dos impuros de toda sorte: religioso, social e político. Mas é pra lá que os discípulos precisam ir para encontrar o ressuscitado. Os discípulos precisam ir para a Galiléia porque é lá que serão dadas as instruções que os transformarão em apóstolos (v. 19). Se queremos ser apóstolos de Cristo, teremos que passar pela Galiléia. Teremos que encontrar o Senhor lá. No meio do povo considerado impuro. A Galiléia é o palco da missão de Jesus e jamais deverá se transformar no símbolo de nosso medo.

A mensagem do anjo precisa continuar sendo ouvida ainda hoje. Não tenham medo, ele não está aqui. Ele ressuscitou!! (JLFA)